

CRIANÇAS INDÍGENAS NO BRASIL: QUAL A CONTRIBUIÇÃO DAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO PARA A VIVÊNCIA DA INFÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR?

INDIGENOUS CHILDREN IN BRAZIL: WHAT IS THE CONTRIBUTION FROM EDUCATION RESEARCHES FOR THE EXPERIENCE OF CHILDHOOD IN THE INDIGENOUS CONTEXT?

NIÑOS Y NIÑAS INDÍGENAS EN BRASIL: ¿CUÁL ES EL APORTE DE LAS INVESTIGACIONES EN EDUCACIÓN A LA VIVENCIA DE LA NIÑEZ EN EL CONTEXTO INDÍGENA?

Khadija Xavier dos Santos¹

Mônica Regina Nascimento dos Santos²

Suzana Santos Libardi³

Código DOI

Resumo

Este trabalho apresenta como crianças indígenas são retratadas no Brasil em pesquisas científicas da área da Educação. Executamos um recorte de pesquisa aplicado aos dados de um levantamento bibliográfico mais amplo (que contemplou também as áreas da Psicologia, Antropologia e Sociologia). Seleccionamos 192 revistas científicas nacionais, sendo 80 da Educação. Oito descritores foram buscados nos resumos dos artigos, gerando mais de seis mil ocorrências de artigos, sendo mais de três mil da Educação. Refinamos os resultados e, especificamente da área da Educação, apenas 27 artigos tratam sobre crianças/infâncias indígenas. Analisamos detalhadamente o conteúdo dos artigos para visibilizar tais iniciativas dentre o volume ainda ínfimo de artigos publicados sobre o assunto.

Palavras-chave: Infâncias. Crianças Indígenas. Infâncias Indígenas. Pesquisa Bibliográfica. Educação escolar indígena.

Abstract

This work presents how indigenous children are reported in Brazil by Educational scientific researches. A research clipping was applied to a bigger bibliographic survey data (which also covered the areas of Psychology, Anthropology and Sociology). It was selected 192 national scientific journals, 80 of which were from Education. Eight descriptors were searched in the article abstracts, generating more than six thousand occurrences of articles, more than three thousand of which were from Education. We refined the results and, specifically in the area of Education, only 27 articles deal with indigenous children/childhood.

¹ Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia/AL, Brasil. Email: khadija.santos@delmiro.ufal.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4436-6541>

² Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia/AL, Brasil. Email: monica.santos@delmiro.ufal.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4587-6036>

³ Universidade Federal de Alagoas, Palmeira dos Índios/AL, Brasil. Email: suzana.libardi@palmeira.ufal.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2185-6786>

We analyzed the content of the articles to highlight such initiatives among the still tiny volume of articles published on the subject.

Keywords: *Childhoods. Indigenous children. Indigenous childhoods. Bibliographical research. Indigenous school education.*

Resumen

Este trabajo presenta cómo los niños indígenas en Brasil son retratados en las investigaciones científicas en el área de Educación. Hemos realizado un apartado de investigación aplicado a los datos procedentes de un levantamiento bibliográfico más amplio (que incluía también las áreas de Psicología, Antropología y Sociología). Se seleccionaron 192 revistas científicas nacionales, 80 de las cuales eran de Educación. Se buscaron ocho descriptores en los resúmenes de artículos, generando más de seis mil apariciones de artículos, de los cuales más de tres mil eran de Educación. Afinamos los resultados y, específicamente en el área de Educación, solo 27 artículos abordan niños/niñas/niñez indígenas. Analizamos en detalle el contenido de los artículos para resaltar tales iniciativas entre el volumen aún pequeño de artículos que fueron publicados sobre el tema.

Palavras-chave: *Niñez. Niños indígenas. Niñez indígena. Investigación bibliográfica. Educación escolar indígena.*

Introdução

Esta pesquisa surgiu como desdobramento do nosso trabalho dentro do Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI), subgrupo do Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano (NUDES), da Universidade Federal de Alagoas - Campus Sertão. Desde 2017, o GLEI vem desenvolvendo pesquisas bibliográficas, projetos extensionistas e produções acadêmicas a respeito de crianças de povos e comunidades tradicionais no Brasil. Neste trabalho, partimos dos resultados de um amplo levantamento bibliográfico, executado anteriormente pelo grupo, sobre o qual aplicamos um recorte objetivo: selecionar e analisar a produção científica da Educação a respeito, especificamente, de crianças e infâncias indígenas.

Os estudos da infância surgem como um campo interdisciplinar buscando abarcar diversas iniciativas de áreas distintas quanto aos estudos das crianças e da infância, superando uma perspectiva unívoca (desenvolvimentista) que marcou tradicionalmente o interesse científico quanto às novas gerações. A importância da interdisciplinaridade ao estudar sobre a infância foi alertada por Rosemberg

nos anos 1970, quando sugeriu a ampliação das pesquisas em outras áreas do conhecimento para além da Psicologia (Muller; Hassen, 2009).

A infância tem sido objeto de estudos interdisciplinares com o intuito de analisar, questionar e descobrir mais sobre essa geração, bem como sobre as crianças, para além de uma definição universal, que descredibiliza outros tipos de vivências fora do padrão normativo. Alencar e Parente (2017) retratam como tais estudos sobre a criança e a infância buscam, entre outras coisas, adentrar na contramão do paradigma adultocêntrico, buscando considerar eventos multifatoriais desse grupo geracional.

Orientamos nosso olhar a partir dos esforços de pesquisadores/as de países do Sul Global⁴ sobre as infâncias dos mais variados contextos geopoliticamente nomeados como tal (Castro, 2021). Adotamos, então, uma compreensão da infância fora de uma perspectiva moderna e colonizadora. Ou seja, da necessidade de se conceber esse grupo geracional a partir dos referentes socioculturais e históricos das infâncias produzidas desde o seu contexto particular, problematizando a normalização do projeto moderno (europeu) de infância.

Considerando que a infância tem sido objeto interdisciplinar de pesquisa, principalmente quando o assunto são crianças indígenas, diversas áreas no Brasil têm pesquisado, mais dedicadamente, as infâncias de diferentes etnias; como a Psicologia (Grubits, 2012), a Educação (Eunice, 2013) e a Antropologia (Mello, 2013). Para tal, voltamo-nos às infâncias indígenas com o intuito de uma maior aproximação com a cosmovisão dos povos tradicionais no que diz respeito à forma de conceber e educar suas crianças, levando em consideração o recorte cultural e étnico próprio de cada povo indígena.

Neste trabalho escolhemos contemplar apenas a área da Educação, pois ela fornece subsídios para a escola diferenciada, voltada às crianças indígenas. Esse novo modelo educacional teve reconhecimento legal e jurídico assegurado a partir da Constituição de 1988, tornando-se política de estado a partir de

⁴ Por países do Sul Global, estamos nos referindo a uma definição geopolítica que diz respeito às nações que, no contexto capitalista contemporâneo, são posicionadas de forma subalternizada em relação às potências imperialistas, não tendo relação direta com sua localização geográfica – ou seja, há países do hemisfério norte que compõem esta categoria Sul Global. Ela surge em substituição aos termos: países subdesenvolvidos; países do terceiro mundo; entre outras situações, também, devido a sua conotação pejorativa.

uma legislação específica: os indígenas conquistam direito à educação escolar, obrigando a instituição a respeitar sua cultura, língua e processos próprios de ensino e aprendizagem (Conh, 2005). A Educação é área importante no estudo com/sobre crianças indígenas, sendo no contemporâneo um saber fundamental para conceber o lugar das gerações mais novas nas sociedades em que vivem, bem como promover ali a escola diferenciada, uma vez que o modelo de instituições escolares regulares é majoritariamente pautado na sociedade ocidental, inferindo socialmente princípios divergentes para com a singularidade dos grupos indígenas (Pérez, 2007). Evidenciamos neste trabalho, a necessidade de que essa área produza conhecimento qualificado a respeito das crianças e infâncias indígenas, visando orientar adequadamente a escolarização desta população, ou seja, pautando-se nos direitos humanos, respeitando suas culturas e considerando as posições e papéis dessas crianças como produtoras de sua cultura. Voltamo-nos às pesquisas da área da Educação mobilizadas por este compromisso.

Os seguintes questionamentos foram orientadores da pesquisa realizada para este trabalho: Como a área da Educação vem apreendendo as crianças indígenas? Quais publicações nos periódicos brasileiros dessa área são sobre essas infâncias? Qual a contribuição da Educação para os estudos da infância sobre crianças indígenas? Estas perguntas orientaram nosso recorte de pesquisa a partir do banco de dados construído anteriormente.

Partindo do pressuposto descrito acima, este trabalho buscou acessar as pesquisas sobre esse grupo geracional, analisando as noções de infâncias apresentadas nas produções, entre outros elementos. No próximo tópico, descrevemos como o banco de dados da pesquisa foi recortado, como foram obtidos os dados a respeito da área da Educação, bem como a comparação com a produção de outras áreas visando balizar sua contribuição.

Método: Buscando a produção da Educação entre os estudos da infância

O tipo de pesquisa adotada foi o levantamento bibliográfico, visando conhecer como as pesquisas acadêmicas em Educação vêm pesquisando crianças/infâncias indígenas. Segundo Moreira e Callefe (2006), o objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o/a pesquisador/a em contato direto com a produção de conhecimento na área selecionada, partindo de um material já elaborado e, em suma, realizando reflexões elaboradas da análise crítica em uma amostragem selecionada de acordo com o

intuito da pesquisa. Sendo assim, na tentativa de compreender o conteúdo das publicações da Educação sobre esse grupo geracional indígena, selecionamos revistas científicas bem qualificadas e analisamos seu acervo.

Por meio de projetos de pesquisa anteriores⁵ desenvolvidos por nosso grupo de pesquisa, foi possível adotar o acervo de 192 revistas científicas nacionais selecionadas entre as melhores; avaliadas à época como A1 e A2, no ranque Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Considerando o caráter interdisciplinar dos estudos das infâncias, as revistas selecionadas previamente contemplam periódicos das áreas da Educação, Psicologia, Antropologia e Sociologia. Desse total disponível no acervo, buscamos produções referentes à temática da pesquisa sem recortes temporais, apenas buscando nos resumos dos artigos quatro descritores nomeados por nós como descritores “gerais” (são eles: infância, criança e seus plurais), pois não qualificam qual infância abordam, e outros quatro descritores “específicos” (infância indígena, criança indígena e seus plurais) para contemplar o foco da presente pesquisa.

A escolha por descritores gerais e específicos, ambos no plural e no singular, buscou abranger melhor os possíveis termos utilizados por autores/as. Selecionamos artigos que apresentam, no mínimo, um dos oito descritores adotados. Dentre 192 revistas selecionadas, 80 são da Educação. Foram identificadas 6.264 ocorrências de trabalhos, sendo que a maioria atende aos descritores “gerais”, ou seja, trata-se de trabalhos que não especificam *de qual* infância estão falando (6.228 ocorrências, 99,43% do total). Apenas 36 aparições (0,57% do total) atendem aos descritores específicos. Quanto à área da Educação, nas 80 revistas selecionadas, houve 3.061 ocorrências, sendo 3.030 gerais e 31 específicas.

Depois de excluir os artigos repetidos e realizar a leitura dos resumos, totalizam 28 trabalhos sobre indígenas, publicados pelas revistas selecionadas nas quatro áreas. Dentre estes artigos, constatamos que as revistas da área da Educação se destacaram, uma vez responsável por 23 dos 28 artigos, seguida da Psicologia, que publicou quatro artigos, e Antropologia com um artigo. Entre as revistas da Sociologia selecionadas, não houve nenhum artigo sobre crianças ou infâncias indígenas - em que pese as

⁵ Projetos de iniciação científica desenvolvidos no GLEI-NUDES da UFAL, ciclos 2017-2018, 2019-2020 e 2022-2023. Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

contribuições teóricas da Sociologia da Infância serem amplamente adotadas por trabalhos das áreas afins.

Diante a quantidade ínfima de ocorrências específicas, surgiu um questionamento na pesquisa: existem artigos sobre crianças indígenas nos descritores “gerais”? Buscando sanar essa pergunta, o grupo realizou ainda uma etapa de “reescavação” para analisar se entre as ocorrências gerais haveria possibilidade de trabalhos específicos. Como, por exemplo, criança sem o termo indígena mais amplo ou termos mais específicos como algum nome étnico, os quais podem passar despercebidos nas buscas específicas.

A reescavação identificou, entre os artigos “gerais”, mais alguns trabalhos sobre indígenas. Com intuito de analisar de forma mais apurada as publicações da área da Educação, analisamos os títulos dos 3.030 trabalhos ocorridos nesta área (a partir de descritores gerais) para identificarmos mais produções sobre as gerações mais novas de indígenas, de modo que obtivemos mais quatro artigos. Assim, alcançamos 23 artigos da Educação, identificados com descritor específico indígena e mais quatro artigos reescavados nesta área, de modo a totalizar 27 artigos como *corpus* da presente pesquisa.

Com os 27 artigos selecionados, executamos a análise de seus conteúdos para responder nossas perguntas de pesquisa, focando especificamente a área da Educação. O processo de leitura integral adotou um instrumento de pesquisa, criado por nossa equipe, que visou identificar quais artigos estudaram: a infância e/ou criança indígena em si, o desenvolvimento e aprendizagem dessas crianças, a educação escolar ou não-escolar dessas pessoas, ou ainda, outros objetos de estudo. Com isso, buscamos fazer um mapeamento dos temas mais pesquisados.

Averiguamos, assim: o objeto de pesquisa dos artigos: 1 - objeto de estudo é a infância/criança indígena; 2 - objeto de estudo é o desenvolvimento e aprendizagem da criança indígena; 3 - objeto de estudo de estudo é relativo à educação escolar ou não-escolar; 4 - o objeto de estudo é outro. Tentar identificar os objetos de estudos dos trabalhos foi fundamental para o entendimento de quais temas pesquisadores/as estão abordando com crianças indígenas, entretanto, não podemos afirmar ter sido fácil enquadrar os artigos em apenas uma das categorias listadas, porquanto alguns trabalhos não foram tão específicos quanto ao objeto de estudo, acarretando para a pesquisa certa complexidade ao os encaixar nos instrumentos selecionados, uma vez que poderia fazer referência tanto a um objeto quanto a outro.

Neste trabalho, analisamos o conteúdo de cada um dos artigos averiguando qual objeto de pesquisa, qual o tipo de pesquisa (seja empírica, teórica ou ambas); além disso, verificando se as pesquisas são *com* ou *sobre* crianças indígenas, quais as noções de infâncias adotadas e quais povos estão sendo estudados.

Educação: análise das produções da área

A Educação publicou um montante de 27 artigos, contabilizando como a área que mais publicou sobre crianças ou infâncias indígenas entre as revistas selecionadas. Considerando a produção de cada área, deste montante produzido na área da Educação, 16 deles (Rapimán Quilaqueo, 2016; Alencar; Parente, 2017; Catarino; Costa, 2017; Gonçalves; Laroque, 2015; Jesus; Maldonado, 2017; Cohn, 2005; Carvalho, 2009; Price, 2010; Nascimento, 2012; Eunice, 2013; Grandó ; Queiroz, 2013; Pérez, 2007; Thiél, 2013; Costa; Silva, 2010; Ludwig; Lecompte, 2015; Thomas; Soares, 2014) reportam pesquisas sobre a educação escolar ou não-escolar de povos indígenas, sendo essa uma problemática bastante pertinente, uma vez que é exigida pela legislação educacional a necessidade de entrelaçamento entre a cultura diferenciada e os conteúdos dispostos pelo ensino escolar.

Salienta-se que desses 16 artigos sobre educação escolar ou não-escolar, nove realizaram pesquisa empírica, cinco pesquisa teórica e apenas dois mesclam ambas. Seguem os trabalhos: uma pesquisa (Rapimán Quilaqueo, 2016) realizada em campo sobre crianças analisando múltiplos casos típicos referentes ao pertencimento do povo Mapuche; outro (Cohn, 2005) buscou compreender as complexidades de ensino com crianças a partir da observação e alguns projetos pedagógicos entre os Xikrin; outro, Carvalho (2009) conduz sua pesquisa relacionando as configurações da avaliação escolar a partir de observações em sala de aula, entrevistas com docentes e caracterização via questionários sobre a situação socioeconômica dos/as estudantes. Temos também Price (2010), apresentando o estudo de um curso artístico, na Nova Zelândia, com crianças sobre autenticidade no ensino de artes, investigando como o trabalho em equipe gera motivação e a arte como base para integrar um projeto histórico, social e pessoal. Já Nascimento (2012) parte da realização de oficinas nas aldeias com crianças indígenas adotando as suas representações para dialogar sobre aprendizagem fora da escola.

Além disso, o artigo de Eunice (2013) concretiza-se a partir da interação com crianças via longa convivência, conduzindo pesquisas linguísticas e educacionais com os povos. Grandó e Queiroz (2013) pesquisaram a construção do corpo de crianças em seu meio cultural, contando com a participação das mesmas. Já Catarino e Costa (2017), que realizaram uma pesquisa documental, sobre educação escolar, a partir da análise de livros de professor para alunos do 1º ano do Ensino Primário Rural, em Angola nos anos 1960, com aspectos didáticos da vanguarda na organização das lições, sua forma de aplicação, avaliação da prática de ensino e da aprendizagem do aluno. Por fim, entre os trabalhos empíricos, identificamos que Gonçalves e Laroque (2015) usufruíram de entrevistas com a comunidade escolar e indígena, fundamentados na legislação sobre políticas educacionais para educação indígena, para compreender como receberam crianças indígenas dentro de um sistema de ensino não indígena.

Em relação aos outros cinco artigos que conduziram pesquisa teórica, Pérez (2007) discorre sobre como a noção da escola indígena está imersa e reduzida à “educação formal”, a partir da releitura de Marcel Mauss, dialogando sobre como essa forma homogênea de ensino pode prejudicar as crianças indígenas, estagnando o processo de assimilação de novos conhecimentos, além de serem “agredidas pois seu potencial criativo é negado, e há claras tentativas de suplantar, sem as necessárias estratégias de ajustamento, o seu modelo de desenvolvimento e aprendizagem” (Pérez, 2007, p. 237). Tal perspectiva de ensino entra em contraposição com o modo como essas crianças são concebidas “como pessoas ativas” (p. 49) na convivência dentro da aldeia. Thiél (2013) discorre a respeito da importante contribuição para a educação brasileira introduzir escritos que dialogam com as raízes culturais do Brasil; ademais, quando pensamos em literatura brasileira, não devemos encará-la como algo unívoco, uma vez que temos vários idiomas nativos e a diversa literatura indígena. A autora argumenta pela importância da formação multi-letrada, partindo de diversas leituras indígenas e demais culturalmente marginalizadas, ampliando o repertório da cultura nacional.

Bem como o trabalho teórico de Ludwig e LeCompte (2015), pesquisando o impacto na identidade e self de crianças, a partir das pedagogias indígenas maia e ocidental moderna, comparando o ensino e aprendizagem em dois momentos históricos distintos. Essa pesquisa evidencia a escola da aldeia como a representação do mundo cosmopolita exterior à casa (p. 1185) como uma forma de preparar as crianças para a vida e o trabalho em uma comunidade maior, sem negligenciar os saberes maias. Além disso,

Thomas e Soares (2014) também realizaram pesquisa teórica sobre como as crianças Tupinambás são educadas, retratando o conceito de infância e as subjetividades entre menina e menino. Essa pesquisa busca desmistificar a ideologia portuguesa difundida como uma visão binária e estereotipada da concepção de infância Tupinambá.

Costa e Silva (2010), pesquisa teórica fundamentada a partir de legislações sobre a inclusão da cultura e história africana, bem como afrobrasileira e indígena na educação básica, levantando a importância dessa inclusão ocorrer em disciplinas como a Matemática⁶ e, a partir dessa perspectiva, ensinar sobre a história brasileira. Segundo os autores, havia nas senzalas uma riqueza de culturas reunida e os negros buscavam, por meio do corpo, uma forma de continuar suas raízes utilizando o corpo para se conectar com o sagrado e é, a partir disso, que surge a Etnomatemática no Brasil (Costa; Silva, 2010). Nesse sentido, surge o exemplo da capoeira como forma de conhecimento afrobrasileiro, a partir do movimento corporal, quando relacionado à Etnomatemática para o ensino das formas geométricas resgatando a história e valorizando o corpo destas populações.

Outros dois trabalhos mesclaram pesquisa empírica e teórica, Alencar e Parente (2017) realizaram levantamento bibliográfico e conduziram observação de crianças em uma escola indígena do Pará (todavia, não citam em qual região paraense, nem quais etnias foram envolvidas) para tratar da formação de professores/as indígenas; argumentam pela importância da perspectiva de ensino pautada nas práticas sociais de cada particularidade étnica, ou melhor, levando em consideração o projeto societário de cada povo indígena. Já Jesus e Maldonado (2017) trazem narrativas de professores/as (não propriamente de crianças) participantes de um cineclube focado na educação escolar indígena diferenciada. O artigo é organizado em duas partes: a primeira reporta as narrativas do cineclube realizado nas visitas às comunidades indígenas; a segunda parte é a revisão de uma tese doutorado intitulada 'Audiovisual na Escola Terena Lutuma Dias: Educação Indígena Diferenciada e as Mídias' com a narrativa de 15 professores/as indígenas Terena, da aldeia indígena Limão Verde.

⁶ "A Matemática tem sido uma das principais responsáveis pelas reprovações e evasões no sistema nacional de ensino. Além disso, esta disciplina reproduz, no processo de ensino-aprendizagem, marcas da discriminação e exclusão impostas às minorias sociais pela sociedade" (Costa; Silva, 2010, p. 249).

Ainda na área da Educação, retomando o objeto de estudo dos artigos, cinco tratam do desenvolvimento e aprendizagem da criança indígena: Silva (2014) ressalta a importância das interações sociais e da observação para as crianças realizarem demandas cotidianas entre o povo Xakriabá, trazendo à tona teorias educacionais que corroboram para aprendizagem a partir de práticas sociais. Já Bergamaschi e Teixeira (2016) apresentam os processos de aprendizagem nas aldeias no contexto não escolar da educação indígena. Infelizmente, nossa análise do conteúdo de Remoniri (2013) ficou comprometida porque o mesmo foi publicado apenas em espanhol, apesar de a revista ser promovida por uma instituição brasileira.

Zoia e Peripolli (2013) analisam como as atividades típicas do universo infantil (exemplo: variadas brincadeiras) definem ao longo do tempo as infâncias do passado e as contemporâneas, como uma imitação da vida adulta, mas não apenas para reproduzir essa vivência, mas sim como projeção para o futuro em relação ao estágio de desenvolvimento que se encontram atualmente.

O artigo de Gomes e Nascimento (2017), no que tange ao desenvolvimento e a aprendizagem infantil, compreende a infância como uma fase socialização e preparação para desenvolvimento humano em uma teko reta (modo de ser Guarani). Este artigo destacou-se em nosso levantamento por trazer, nos estudos utilizados para esse trabalho, perspectivas de pesquisadoras indígenas sobre suas próprias etnias:

O estudo reúne reflexões de estudos e pesquisas realizados pelos intelectuais indígenas Guarani e Kaiowá (MS) no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – mestrado e doutorado – e no Observatório de Educação Indígena (OBEDUC) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) (Gomes; Nascimento, 2017, p. 2).

Observamos que, dentre o total de artigos analisados, somente este trabalho baseou-se em produção intelectual indígena.

Ainda na área da Educação, continuando a apreciação do objeto de estudo dos artigos, averiguamos que outros três trabalhos (Profice; Santos, 2017; Borges, 2002; Mubarrac Sobrinho, 2007) tinham como objeto de estudo propriamente a infância/criança indígena. Desses reunidos, pode-se perceber pelas palavras-chaves a utilização de termos tais como ‘infâncias’ Profice e Santos (2017) ou ‘estilos’ de infância para se referir a infâncias distintas (infância indígenas e europeus do século XVI -

grumetes e indígenas e Kunumys). Já Borges (2002) teve como objetivo conhecer mais sobre o “reko porã” (“Bom modo de proceder”) dos Guarani do Mato Grosso do Sul.

[...] é importante percebermos que cada grupo indígena tem sua maneira de socialização interna, de acordo com seus padrões culturais e sua visão de mundo; o ‘bom guarani’ jamais seria um ‘bom kaingang’. Cada povo indígena possui um ritmo próprio e uma partitura única, de acordo com suas experiências e seus percursos históricos; o que é louvado no ‘bom proceder’ guarani não é levado em conta em outros povos (Borges, 2002, p. 60).

Indicando como os modos de existência indígenas são singulares, sendo inapropriado compreendermos uma etnia específica com referenciais culturais de uma outra. A forma como cada povo concebe seu “bom modo de proceder” impacta diretamente na forma como os mesmos vão educar suas crianças e como avaliam que o tempo da infância deve ser utilizado.

O artigo de Mubarak Sobrinho (2007) é fruto de um doutorado em Educação, onde critica a noção moderna de infância, além de analisar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre como vivem as crianças indígenas na zona urbana de Manaus. O autor ressalta nessa crítica como “a criança no decorrer da história, tem sido vista como alguém com a perspectiva de “vir-a-ser”, mas que ainda não o é” (p. 469), uma abordagem da criança pautada mais na promessa do adulto que ela será no futuro do que da sua agência e papel no tempo presente.

Na Educação, tivemos ainda outros três artigos (Bruno; Souza, 2014; Vizcarra-Bordi; Marin-Guadarrama, 2013; Piacentini, 2007) os quais não foi possível aproximar seu objeto de estudo das categorias anteriormente expostas, por isso aglutinamos no grupo de publicações que aborda outros focos. Temos o exemplo de Bruno e Souza (2014), uma pesquisa abordando a representação social da deficiência na cultura Guarani/Kaiowá nas aldeias indígenas da Região da Grande Dourados por meio de entrevistas com integrantes representantes culturais nas aldeias, como é o exemplo dos idosos e líderes entrevistados com o intuito de conhecer mais sobre a infância deles, recordações de crianças com deficiência e como estas são concebidas dentro da cultura.

Vizcarra-Bordi e Marin-Guadarrama (2013), por exemplo, embora tragam em suas palavras-chaves o termo ‘infância’ discorrem sobre obesidade nas comunidades indígenas e seus reflexos de identidade em uma pesquisa de campo com os povos indígenas Mazahua e Otomí, no México. O interessante nesta

pesquisa é justamente que partem da inexistência de um único conceito de infância, ou seja, traz a perspectiva de múltiplas infâncias.

Além disso, temos Piacentini (2007) trazendo uma pesquisa de campo sobre a construção do Museu do Brinquedo, na ilha de Santa Catarina, explicitando o foco do trabalho com as palavras-chave ‘museus’, ‘brinquedo’, entre outras. No entanto, o termo “indígenas” pouco aparece no artigo, apesar de defender como a herança indígena é relevante para o patrimônio brasileiro. Percebemos que as crianças indígenas não são abordadas no texto diretamente, apesar da defesa da importância dos seus “objetos da infância”.

Quadro 1 – Distribuição dos artigos da Educação quanto ao objeto de estudo

| 27 ARTIGOS EM EDUCAÇÃO | | REFERÊNCIA |
|------------------------|--|--|
| Objeto de estudo | 16 educação escolar ou não-escolar indígena | 1. Alencar e Parente (2017); 2. Catarino e Costa (2017); 3. Carvalho (2009); 4. Cohn (2005); 5. Costa e Silva (2010); 6. Eunice (2013); 7. Gonçalves e Laroque (2015); 8. Grandó e Queiroz (2013); 9. Jesus e Maldonado (2017); 10. Ludwig e LeCompte (2015); 11. Nascimento (2012); 12. Prince (2010); 13. Pérez (2007); 14. Rapimán Quilaqueo (2016); 15. Thiél (2013); 16. Thomas e Soares (2014). |
| | 5 desenvolvimento e aprendizagem da criança indígena | 1. Bergamaschi e Teixeira (2016); 2. Remoniri (2013); 3. Silva (2014); 4. Gomes e Nascimento (2017); 5. Zoia e Peripolli (2013). |
| | 3 infância/criança indígena | 1. Borges (2002); 2. Profice e Santos (2017); 3. Mubarak Sobrinho(2007). |

| | | |
|--|---------|---|
| | 3 outro | 1. Bruno e Souza (2014); 2. Piacentini (2007); 3. Vizcarra-Bordi e Marin-Guadarrama (2013). |
|--|---------|---|

Fonte: elaboração própria (2024).

Selecionamos algumas características dos 27 trabalhos para apresentar um panorama geral do que está sendo publicado, reunindo as etnias contempladas nos artigos, os anos de publicações, bem como a abordagem teórica das produções. Os povos e aldeias indígenas pesquisados estão organizados no quadro abaixo:

Quadro 2: Etnias/aldeias pesquisadas por cada trabalho⁷

| ETNIA ou ALDEIA | LOCALIZAÇÃO | REFERÊNCIA |
|---|---|--|
| Mazahua; Otomi | México | Vizcarra-Bordi e Marin-Guadarrama (2013) |
| Xavante | Mato Grosso | Pérez (2007) |
| Terena | | Zoia e Peripolli (2013) |
| Apiãwa (Tapirapé, TI Urubu Branco e Área Indígena Tapirapé-Karajá) | Nordeste do Mato Grosso | Eunice (2013) |
| “indígenas” (sem especificar quais povos) | América Latina (sem mais especificações) | Remorini (2013) |

⁷ Os trabalhos restantes não foram incluídos: Piacentini (2007) não foi incluído porque, como já dito anteriormente, não cita etnia específica alguma; Profice e Santos (2017) não foi incluído porque trata de pesquisa histórica (citando os Tupis); Carvalho (2009) não cita etnia alguma, e na verdade crianças indígenas são apenas citadas no artigo dentre tantas outras quanto à dificuldade de aprendizagem; Catarino e Costa (2017) porque tratam de pesquisa documental sem citar etnia alguma; Price (2010) estudou ensino da arte e os indígenas aparecem perifericamente sem citar etnia; Thiél (2013) não cita etnia alguma no seu trabalho sobre multiletramento e literatura; Ludwig e LeCompte (2015) não citam nenhuma etnia no trabalho acerca do impacto do tipo de pedagogia na educação de crianças.

| | | |
|--|--|---------------------------|
| | | |
| “indígenas” (sem especificar quais povos) | Manaus, Amazonas | Mubarak Sobrinho (2007) |
| “indígenas” (sem especificar quais povos) | Pará | Alencar e Parente (2017) |
| Mapuche | Chile | Rapimán Quilaqueo (2016) |
| Chiquitano | divisa Brasil-Bolívia | Grando e Queiroz (2013) |
| Xikrin | Sudoeste do Pará | Conh (2005) |
| Tupinambás | Brasil (sem especificações pelo artigo) | Thomas e Soares (2014) |
| Terena (Aldeia Limão Verde) | Município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul | Jesus e Maldonado (2017) |
| 1.Kaiowá 2.Guarani | Mato Grosso do Sul | Nascimento (2012) |
| Guarani/Kaiowá | | Gomes e Nascimento (2017) |
| 1.Kaiowá 2. Guarani | | Bruno e Souza (2014) |
| Guarani | | Borges (2002) |
| Xakriabá | | Minas Gerais |

| | | |
|---------------|--|------------------------------|
| Kaingang | Rio Grande do Sul | Gonçalves e Laroque (2015) |
| Guarani | Sul do Brasil (sem especificações pelo artigo) | Bergamaschi e Teixeira(2016) |
| A'uwe-xavante | Região de Pirituba, no município de São Paulo | Costa e Silva (2010) |

Fonte: elaboração própria (2024).

Visando fins didáticos de apresentação dos resultados, dispomos graficamente, na figura abaixo, a distribuição territorial das comunidades indígenas pesquisadas (exclusivamente no Brasil) pelos artigos analisados:

Figura 1: Distribuição territorial das etnias pesquisadas no Brasil



Fonte: elaboração própria (2024).

Após averiguarmos as etnias contempladas nos 27 artigos analisados, não encontramos nenhuma no Nordeste, mesmo sendo a segunda região brasileira com mais indígenas (31,22% do total de indígenas no país), segundo o IBGE divulgou em 2022. Neste Censo de 2022, a região que lidera com a maior concentração de indígenas é o Norte, com 44,48% do total de indígenas no país. Como podemos observar no mapa acima, ao menos três etnias indígenas diferentes do Norte foram citadas nos trabalhos analisados. Outra região em destaque no mapa é o Centro-Oeste, com a maior quantidade de etnias citadas nos trabalhos, não ironicamente é terceira região com mais indígenas no país, 11,80% do total de indígenas no país. Vale destacar que tanto o Sul como Sudeste tiveram destaque no mapa, embora ambas sejam as regiões com as menores concentrações de indígenas hoje. Questionamos, então, o motivo em torno da ausência de etnias no Nordeste nesses periódicos bem avaliados.

Sobre o ano de publicação dos trabalhos, constatamos que no ano de 2013 foram publicados sete artigos (Thiél, 2013; Remorini, 2013; Mello, 2013; Grando; Queiroz, 2013; Eunice, 2013; Zoia; Peripolli, 2013; Vizcarra-Bordi; Marin-Guadarrama, 2013), ocorrendo a maior incidência de publicações dentre os 27 selecionados. Outrossim, temos o ano de 2017 ofertando cinco artigos (Alencar; Parente, 2017; Profice; Santos, 2017; Catarino; Costa, 2017; Jesus; Maldonado, 2017; Gomes; Nascimento, 2017). Este tornou-se o segundo período com maior ocorrência de publicações dentre os dispostos no banco de dados. Segue-se 2007 com cerca de três artigos (Pérez, 2007; Piacentini, 2007; Mubarak Sobrinho, 2007), depois 2010 (Prince, 2010; Costa; Silva, 2010), 2014 (Bruno; Souza, 2014; Thomas; Soares, 2014), 2015 (Gonçalves; Laroque, 2015; Ludwig; LeCompte, 2015), 2016 (Rapimán Quilaqueo, 2016; Bergamaschi; Menezes, 2016) com apenas dois artigos cada. Os demais artigos foram publicados um em cada ano: 2014 (Silva, 2014), 2012 (Nascimento, 2012), 2009 (Carvalho, 2009), 2005 (Conh, 2005) e 2002 (Borges, 2002).

Em relação às abordagens teóricas indicadas nos artigos, reunimos alguns dados. No entanto, é importante destacar que nem todos os 27 artigos explicitam qual abordagem teórica foi utilizada. Nos artigos publicados por revistas da Educação, constatamos sete artigos que localizam-se no campo educacional e em diálogo com outros (ex: Educação e História; Educação, História e Antropologia; Educação indígena). Outra filiação bastante apresentada pelos trabalhos é a Antropologia, com seis trabalhos, sendo alguns também em diálogo com outros campos (ex: antropologia da criança e estudos

da criança; antropologia indígena; antropologia, pedagogia e estudos culturais), também aparece em um trabalho ancorado nos estudos culturais, sem deixar explícito o diálogo com outros campos.

Inicialmente, ao refletir sobre infâncias torna-se imprescindível dialogar a respeito da desenvoltura nos processos de globalização, pensando sobre essa carga de informações e perspectivas locais perpassadas em virtude de tal fenômeno. Desta maneira, é possível compreender o ponto de vista encontrado em Castro (2021) acerca da construção desse “surgimento da criança global”, destarte a globalização tende a generalizar tais concepções acerca das infâncias, no plural, uma vez que existem diversas formas de se pensar e viver esse período dos ciclos de vida. Tendo isso em vista, partimos para compreender as concepções de infâncias encontradas nos artigos analisados. Em um deles, encontramos que:

O estilo de infâncias vai ser definido a partir dos valores e funções sociais destinados às crianças em diferentes culturas, lugares e tempos, caracterizando tudo que lhes diz respeito, sua participação no coletivo, sua função na dinâmica familiar, as tarefas que lhe são atribuídas conforme sua idade e gênero, seu modo de se vestir e se comportar, sua alimentação, seu cotidiano, sua liberdade e seus interditos (Profice; Santos, 2017, p. 309).

Os estudos analisados ajudam a evidenciar a centralidade da localidade/cultura em que essas crianças estão inseridas para a própria definição de infância em si, contextualizando essas experiências humanas no processo de desenvolvimento pleno do ser humano daquela aldeia, naquela cosmovisão. Aprimorar o olhar com seus próprios modos de existência à parte das perspectivas eurocêntricas, ou melhor, partindo de uma visão descolonizada, para produzir pesquisas científicas.

Observemos, por exemplo, alguns aspectos da perspectiva de uma das etnias estudadas (os Guarani) sobre concepção e recomendação dos cuidados infantis:

Nos processos de formação da pessoa Guarani, a palavra, que é considerada sagrada, tem o estatuto de revelação: o primeiro momento é a revelação do nome, o sopro sagrado que fará a criança ficar de pé e que revela características inatas individuais – por isso o respeito pelo modo específico de cada pessoa. Após receber o nome Guarani em cerimonial específico, que ocorre na idade em que já se “segura de pé” (por volta de um ano), a criança está preparada para receber revelações das divindades cósmicas. A comunicação com as divindades e com todos os seres do universo ocorre, em geral, através do sonho [...] (Bergamaschi; Menezes, 2016, p. 748).

Percebe-se, entre os Guarani, há um contato mais intenso com a dimensão espiritual, desde as escolhas de como nomear as crianças, temos nessa vivência Guarani um “estatuto de revelação” para as “divindades cósmicas” mostrarem aos pais como esse ser chegará ao mundo, quais serão suas características “inatas” a serem relacionadas com o nome onde irão guiar a vida dessa pessoa.

Sobre o papel das crianças indígenas nas aldeias, observemos a perspectiva dos Xavantes, expressa em um dos trabalhos analisados, a qual apresenta traços comuns com outras etnias:

A criança indígena tem um papel muito importante dentro de sua sociedade particular. Reconhecer isto é assumir que ela é **um ser completo em suas atribuições**, um ser **ativo** na construção das relações em que **se engaja** e parte **integrante** da sociedade, participante e construtora de cultura. A partir de sua interação com outras crianças (brincadeiras, jogos, afazeres domésticos, caminhadas, cumprimento de rotinas) as crianças acabam por constituir seus próprios papéis e identidade (Nascimento, 2012, p. 162; grifo nosso).

Como retratado acima, as crianças seriam concebidas como seres completos por todas as funções necessárias no contexto atual nessa fase da sua vida, fugindo de uma visão adultocêntrica, e valorizando mais a criança no hoje como participantes ativos em seu convívio com outras crianças.

Considerações Finais

A presente pesquisa identificou quantos são os trabalhos publicados sobre crianças/infâncias indígenas em periódicos nacionais da Educação, comparando com a produção de outras áreas afins. Ao concluir a pesquisa bibliográfica, constatou-se que os periódicos A1 e A2 de Educação no Brasil têm publicado um número muito reduzido de estudos sobre as novas gerações dos povos indígenas. Tal fato pode ser atribuído à escassez efetiva de investigações conduzidas nesta área e/ou à não publicação dos resultados dessas pesquisas nos referidos periódicos. Além disso, a veiculação de conhecimento científico nos periódicos de maior prestígio apresenta-se como um desafio significativo, dada a complexidade do processo de publicação nestes periódicos. Diversos fatores contribuem para essa situação, e a mera escassez de pesquisas não explica completamente a baixa quantidade de artigos publicados. Evidentemente, há outras variáveis em jogo que influenciam essa realidade.

Neste trabalho, apresentamos também quais são os trabalhos da Educação envolvendo a população mais jovem indígena. Percebemos também que as etnias localizadas no Nordeste do Brasil são

menos publicadas nas revistas selecionadas e que há outros povos latinoamericanos que se fazem presentes.

A análise qualitativa do conteúdo completo de 27 artigos selecionados demonstrou os objetos de estudo mais abordados, as noções de infância adotada, entre outras características que permitem aos não-indígenas conhecerem um pouco mais desses povos e suas novas gerações. Engrandecemos as perspectivas acerca das múltiplas vivências indígenas e, principalmente sobre como as crianças, à parte de experiências normatizadoras, são retratadas na diversidade de nações indígenas. Para elaboração das análises, fez-se necessário diálogos elucidativos a respeito das produções, ofertando novos conhecimentos sobre o modo de viver de algumas das etnias estudadas, percebendo outros mundos possíveis fora da lógica neoliberal dos contextos mais urbanos e embranquecidos.

Para além do recorte adotado em nosso trabalho, sabemos que várias outras revistas, não incluídas em nosso levantamento, publicaram artigos sobre crianças/infâncias indígenas. Identificamos publicações recentes na Educação, da revista Reflexão e Ação (de Santa Cruz do Sul), que em 2022 publicou um trabalho (Apalai; Brito; Custódio, 2022) sobre o brincar; no mesmo ano a revista Zero-a-Seis (Florianópolis) veiculou outro (Aviz; Santos, 2022) sobre cultura lúdica na Educação Infantil; na Revista FAEEBA um artigo (Lopes; Knapp; Sangalli, 2022) sobre o ser criança; na Divers@ outro (Lucinda; Ferreira; Keim, 2019) sobre ludicidade; na Revista de Educação Ciência e Cultura um (Pinto; Domingues, 2022) sobre aprendizagem e o brincar. Todos os trabalhos em contextos indígenas envolvendo crianças, direta ou indiretamente.

Em conclusão, observamos que as comunidades indígenas continuam recebendo pouca atenção em relação ao grupo geracional da infância, tanto nas pesquisas em Educação quanto em outras áreas das ciências humanas. O estudo evidenciou que esse grupo geracional, étnico e racial, tem baixíssima presença entre publicações muito valorizadas, mesmo na Educação - área protagonista em publicações sobre infância em ciências humanas. Assim, são de extrema importância iniciativas editoriais específicas, como chamadas temáticas, dossiês especializados ou outros incentivos, para promover o aumento de estudos sobre esse tema. Além disso, enfatizamos a necessidade de um diálogo interdisciplinar crescente com outras áreas do conhecimento, essencial para realizar pesquisas com e sobre crianças indígenas de

maneira abrangente e inclusiva. O conhecimento acadêmico sobre essas populações, se conduzido de maneira respeitosa e em colaboração com elas, pode ajudar a visibilizar seus modos de educar, dentro e fora das escolas, as populações mais jovens.

Referências

ALENCAR, J. C. P. M.; PARENTE, F. de A. Saberes de Infâncias e a Formação de Professores Indígenas. **R. Educ. Públic.** Cuiabá. 2017.

APALAI, W. A.; BRITO, A. do C. U.; CUSTÓDIO, E. S. O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar para as narrativas e vivências do povo Aparai. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 115-131, jan. 2022.

AVIZ, F. R. S. de; SANTOS, T. L. dos. A cultura lúdica no contexto da educação infantil do campo: práticas e experimentações em Tracuateua-PA. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 24, n. 45, p. 358-378, jan./jun. 2022.

BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, A. L. T. Crianças indígenas, educação, escola e interculturalidade. **Revista e-Curriculum**, v. 14, núm. 2, p. 741-764, abril-junio. 2016.

BORGES, P. H. P. Sonhos e nomes: as crianças Guarani. **Cadernos Cedes**, ano XXII, no 56, abril. 2002.

BRUNO, G. M. M.; SOUZA, S. da P. V. Crianças indígenas Kaiowá e Guarani: um estudo sobre as representações sociais da deficiência. **R. Educ. Públ. Cuiabá**, v. 23, n. 23/1 p. 425 - 440. maio/agos. 2014.

CATARINO, P.; COSTA, C. O livro do professor "Didáctica das Lições do 1.º ano do Ensino Primário Rural" em Angola nos anos 60: descrição geral. **Cadernos de História da Educação**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 258–285, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/38271>. Acesso em: 27 jan. 2023.

CARVALHO, de P. M. Gênero, raça e avaliação escolar: um estudo com alfabetizadoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.

CASTRO, L. R. de. Teorizar sobre a infância desde uma perspectiva descolonial. In: CASTRO, Lucia R. de. (Org.). **Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDFBA, 2021, p. 61-73.

CONH, C. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 485-515, jul./dez. 2005.
<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>.

COSTA, G. V.; SILVA, L. V. A desconstrução das narrativas e a reconstrução do currículo: a inclusão dos saberes matemáticos dos negros e dos índios brasileiros. *Educar*, n. 36, p. 245-260. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100016>.

AULA, de D. P. Aprender com as crianças indígenas: mudando a lógica neocolonial presente nos processos de escolarização. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/2, p. 437-452, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/926>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GOMES, J. C.; NASCIMENTO, A. C. A pedagogia cultural da infância indígena Guarani e Kaiowá. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 335-354, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4998>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GONÇALVES, L. M. C.; LAROQUE, L. F. Políticas educacionais para a educação indígena: um estudo de caso de crianças indígenas kaingang em uma escola do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil. **EccoS**, São Paulo, n. 37, p. 163-179. maio/ago. 2015.

GRANDO, Saléte Beleni; QUEIROZ, Antonia Leticia. A educação do corpo em Vila Nova-Barbecho: o Curussé chiquitano na educação da criança. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 22, n. 49/2, p. 453-470. 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: população e domicílios: primeiros resultados / IBGE, Coordenação Técnica do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JESUS, N. T. de; MALDONADO, M. Das narrativas do cineclube em cáceres às narrativas da escola indígena Lutuma Dias: a educação escolar indígena diferenciada. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 24, n. 3, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229v24n3p141-152>.

LOPES, C. M.; KNAPP, C.; SANGALLI, A. Território Mitã Kuera: o cenário multiétnico do ser criança indígena. **Rev. FAEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 67, p. 268-287, jul./set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2022.v31.n67.p268-287>.

LUCINDA, K. B.; FERREIRA, M. R.; KEIM, E. J. Transdisciplinaridade, cuidado e ludicidade: contornos da construção do conhecimento no cotidiano Mbya-Guarani. **Divers@**, Matinhos, v. 12, n. 2, p. 105-118, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/download/69513/40674>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LUDWIG, A. S.; LECOMPTE, D. M. Descobrimo o contemporâneo no tradicional: reavaliação do impacto das pedagogias indígena maia e ocidental moderna sobre a identidade e o self. **Educ. Pesquis.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1173-1190, dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508144903>.

MELLO, C. C. A. Se houvesse equidade: a percepção dos grupos indígenas e ribeirinhos da região da Altamira sobre o projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 16, n. 1, p. 125–147, jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/1066/1769>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, G. Luiz. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUBARAC SOBRINHO, R. S. Crianças indígenas "urbanas": aproximações a uma historiografia na Amazônia. **EccoS**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 467–488, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/1092/832>. Acesso em: 16 jun. 2025.

NASCIMENTO, A. C. Os processos próprios de aprendizagem e a formação dos professores indígenas. *Práxis Educativa (Brasil)*, Ponta Grossa, v. 7, número especial, p. 155–173, dez. 2012. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.7iEspecial.0007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/894/89425835008.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PÉREZ, L. A. Escola indígena: uma reflexão sobre seus fundamentos teóricos, ideológicos e políticos. **Perspectiva** (UFSC), Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 227–244, jan./jun. 2007. DOI: 10.5007/% x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1636>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PIACENTINI, T. A. A Criação do Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina da Universidade Federal de Santa Catarina. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 595-610, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1824>. Acesso em: 04. Mar. 2023;

PINTO, B. C. de M.; DOMINGUES, A. S. Aprender brincando: uma arte de ouvir no cotidiano indígena Anambé no município de Moju-Pará. **RECC – Revista de Educação Ciência e Cultura**, Canoas, v. 27, n. 2, p. 1–17, out. 2022. DOI: 10.18316/recc.v27i2.8318.

PRICE, G. Em direção à autenticidade: Encontro com a diferença. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 56-71. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000100005>.

PROFICE, C. C.; SANTOS, dos M. H. G. De Grumetes a Kunumys: estilos de Infâncias Brasileiras. **Hist. Educ. (Online)**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 307-325, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/61054>.

RAPIMÁN QUILAQUEO, D. et al. Educación mapuche y educación escolar en la Araucanía: doble racionalidad educativa?. **Caderno de Pesquisa**, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143599>.

REMORINI, C. Estudios etnográficos sobre el desarrollo infantil en comunidades indígenas de América Latina: contribuciones, omisiones y desafíos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 811-840 set./dez. 2013.

SILVA, R. C. da. Participação e aprendizagem na educação da criança indígena. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, v.19, no.58, jul-set: 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000800007>.

THIÉL, J. C. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175–1189, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/09.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

THOMAS, J.; SOARES, L. C. As crianças tupinambás e sua educação no século XVI: ternura, dor, obediência. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 14, n. 1 (34), p. 23-47, jan./abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v14i1.614>. Acesso em: 12 set. 2023.

VIZCARRA-BORDI, I.; MARIN-GUADARRAMA, N. La obesidad en la resignificación de identidades infantiles indígenas en edad escolar en México: el caso de los pueblos Mazahua y Otomí. **Perspectiva**, Florianópolis, vol.31, n.03, pp.777-809, set./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n3p777>.

ZOIA, A.; PERIPOLLI, O. J. Infância indígena: relações educativas nos diversos contextos. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/2, p. 421–436, maio/ago. 2013. DOI: 10.29286/rep.v22i49/2.925.

Como citar este artigo:

SANTOS, Khadija Xavier dos; SANTOS, Mônica Regina Nascimento dos; LIBARDI, Suzana Santos. Crianças indígenas no Brasil: qual a contribuição das pesquisas em educação para a vivência da infância no contexto escolar? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025.

Disponível em:

<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11492>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Contribuições individuais: Conceituação, Metodologia, Recursos, Visualização, Curadoria dos Dados, Investigação, e Escrita – Primeira Redação: Khadija Xavier dos Santos. Análise Formal, Validação, e Escrita – Revisão e Edição: Mônica Regina Nascimento dos Santos. Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, e Escrita – Revisão e Edição: Suzana Santos Libardi.

Declaração de uso de Inteligência Artificial: Durante a preparação deste trabalho, as autoras não utilizaram nenhuma ferramenta de Inteligência Artificial (IA) e assumem total responsabilidade por todas as informações aqui disponibilizadas.

Revisores: Lídia Ramires (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT)

Sobre as autoras:

Khadija Xavier dos Santos é graduada em Pedagogia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão.

Mônica Regina Nascimento dos Santos é mestra em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFAL e doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFAL. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão;

Suzana Santos Libardi é mestra e doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Unidade Palmeira dos Índios.

Recebido em 30 de outubro de 2024
Versão corrigida recebida em 16 de junho de 2025
Aprovado em 17 de junho de 2025

ANEXO 1

REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS DA EDUCAÇÃO (CORPUS DA PESQUISA):

- ALENCAR, J. C. P. M., PARENTE, F. de A. Saberes de Infâncias e a Formação de Professores Indígenas. **R. Educ. Públic.** 2017.
- BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, A. L. T. Crianças indígenas, educação, escola e interculturalidade. **Revista e-Curriculum**, vol. 14, núm. 2, abril-junio, p. 741-764. 2016.
- BORGES, P. H. P. Sonhos e nomes: as crianças Guarani. **Cadernos Cedes**, ano XXII, no 56, Abril. 2002.
- BRUNO, G. M. M.; SOUZA, S. P. V.. Crianças indígenas Kaiowá e Guarani: um estudo sobre as representações sociais da deficiência. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 23, n. 23/1 p. 425 - 440. maio/agos. 2014.
- CATARINO, P.; COSTA, C. O livro do professor "Didáctica das Lições do 1.º ano do Ensino Primário Rural" em Angola nos anos 60: descrição geral. **Cadernos de História da Educação**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 258–285, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/38271>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- CARVALHO, de P. M. Gênero, raça e avaliação escolar: um estudo com alfabetizadoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.
- CONH, C. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 485-515, jul./dez. 2005
<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>.
- COSTA, G. V.; SILVA, L. V. A desconstrução das narrativas e a reconstrução do currículo: a inclusão dos saberes matemáticos dos negros e dos índios brasileiros. **Educar**, n. 36, p. 245 - 260. 2010.
- EUNICE, de D. P. Aprender com as crianças indígenas: mudando a lógica neocolonial presente nos processos de escolarização. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 22, n. 49/2, p. 437-452, maio/ago. 2013.
- GOMES, J. C.; NASCIMENTO, A. C. A pedagogia cultural da infância indígena Guarani e Kaiowá. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 335-354, maio/ago. 2017.
- GONÇALVES, L. M. C.; LAROQUE, L. F. Políticas educacionais para a educação indígena: um estudo de caso de crianças indígenas kaingang em uma escola do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil. **EccoS**, São Paulo, n. 37, p. 163-179. maio/ago. 2015.
- GRANDO, S. B.; QUEIROZ, A. L. A educação do corpo em Vila Nova-Barbecho: o Curussé chiquitano na educação da criança. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 22, n. 49/2, p. 453-470, 2013.

JESUS, N. T. de; MALDONADO, M. Das narrativas do cineclube em cáceres às narrativas da escola indígena Lutuma Dias: a educação escolar indígena diferenciada. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 24, n. 3, set./dez. 2017.

LUDWIG, A. S.; LECOMPTE, D. M. Descobrimo o contemporâneo no tradicional: reavaliação do impacto das pedagogias indígena maia e ocidental moderna sobre a identidade e o self. **Educ. Pesquis.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1173-1190, dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508144903>.

MELLO, C. C. A. Se houvesse equidade: a percepção dos grupos indígenas e ribeirinhos da região da Altamira sobre o projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Novos Cadernos NAEA.**, v. 16, n. 1, p. 125-147, jun. 2013.

MUBARAC SOBRINHO, R. S. Crianças Indígenas "Urbanas": Aproximações a uma Historiografia na Amazônia. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 467-488, jul./dez. 2007.

NASCIMENTO, C. A. Os processos próprios de aprendizagem e a formação dos professores indígenas. **Práxis Educativa (Brasil)**, vol. 7, dez, p. 155-173. 2012,

PÉREZ, L. A. Escola indígena: uma reflexão sobre seus fundamentos teóricos, ideológicos e políticos. **Perspectiva (UFSC)**, v. 25, p. 227-244. 2007.

PIACENTINI, T. A. A criação do Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina da Universidade Federal de Santa Catarina. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 595-610, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1824>. Acesso em: 4 mar. 2023.

PRICE, G. Em direção à autenticidade: Encontro com a diferença. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 56-71, jan.-abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000100005>.

PROFICE, C. C.; SANTOS, dos M. H. G. De Grumetes a Kunumys: estilos de Infâncias Brasileiras. **Hist. Educ. (Online)**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 307-325, set./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/61054>.

RAPIMÁN QUILAQUEO, D. et al. Educación mapuche y educación escolar en la Araucanía: doble racionalidad educativa?. **Caderno de Pesquisa**, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143599>.

REMORINI, C. Estudios etnográficos sobre el desarrollo infantil en comunidades indígenas de América Latina: contribuciones, omisiones y desafíos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 811-840 set./dez. 2013.

SILVA, R. C. da. Participação e aprendizagem na educação da criança indígena. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, v.19, no.58, jul-set: 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000800007>. Acesso em: 25 jan. 2023;

THIÉL, J. C. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 09 abr. 2023.

THOMAS, J.; SOARES, L. C. As crianças tupinambás e sua educação no século XVI: ternura, dor, obediência. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 14, n. 1 (34), p. 23-47, jan./abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v14i1.614>. Acesso em: 12 set. 2023.

VIZCARRA-BORDI, I.; MARIN-GUADARRAMA, N. La obesidad en la resignificación de identidades infantiles indígenas en edad escolar en México: el caso de los pueblos Mazahua y Otomí. **Perspectiva**, Florianópolis, vol.31, n.03, pp.777-809, set./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n3p777>.

ZOIA, A.; PERIPOLLI, O. J. Infância indígena: relações educativas nos diversos contextos. **R. Educ. Públ.** Cuiabá. v. 22 n. 49/2 p. 421-436 maio/ago. 2013.